

TEXTO I

UM GRITO PARADO NO AR

Geanfrancesco Guarniere

SINOPSE

Um grupo de teatro ensaia em meio a conflitos pessoais e desencontros de opiniões sobre a estética da montagem e as concepções do diretor, um espetáculo que estreará em breve. Para aumentar a tensão, os credores do grupo a todo momento intervêm, retirando serviços prestados à companhia. A cena recomendada é a de um diálogo entre o diretor do espetáculo e uma das atrizes do grupo.

- AUGUSTO A proposta! A proposta! A proposta!
- AMANDA Um momentinho...Olha, Fernando, você pode achar tudo isso que você falou, mas que está escrito, não está não. A gente pode por. Mas que está no texto não está.
- FERNANDO Claro que está! Ou será que não perceberam que o autor pretende muito mais do que o enredinho...A historinha é simplérrima, pequena, apenas o fio condutor, a espinha da peça...Agora, o que ele consegue através desse fio é muito maior...ou não deu pra perceber...
- AMANDA Claro que deu. Ninguém aqui é débil mental...Mas minha personagem especificamente é muito mais simples do que você falou...Não vejo nada disso nela, não.
- FERNANDO Você concorda que a peça não é somente a historinha de um casal, mas a vida de uma cidade, de uma metrópole, suas tensões, seu clima, sua poluição, suas lutas, seu desespero...
- AMANDA Tá bom, tá bom, tá bom...Mas e daí...
- FERNANDO E daí pra mim as coisas estão muito ligadas... Seu personagem não é essa coisa morna que você está pensando...
- AMANDA Mas a troco de que ela vai ser assim tão bacana, tão inquieta, tão “procurativa” de integrações...Porque ela vai ser assim? Não tem motivação para isso...É uma mulher, como milhões de outras, que se enche, e, talvez, se encha pelo simples fato de ser mulher, de viver nas condições de mulher.
- FERNANDO Também, também...Mas não só...Pra que essa mania de simplificar tudo, reduzir tudo a sim e não. Não é bem assim...Vamos procurar que a gente encontra. Olha, a minha proposta é a seguinte. Vamos partir do relacionamento do casal. Vocês podem usar qualquer elemento. Não precisam se restringir ao que está no texto. Os outros vão se integrar no exercício...Da forma que sentirem...Por exemplo, só pra dar o pontapé inicial...O casal está no edifício, no seu apartamento...
- AMANDA E tudo isso por 800 contos com 50% de desconto? Legal. Ó Fernando, você que está transando com a Globo, arranja pra mim um lugarzinho na TV, acho que eu sou a única atriz que não faz novela.
- FERNANDO Pensa que estão pagando muita coisa, boneca? Pagam pros ídolos. Agora, pra turminha da pesada é a base do trocado mesmo...
- AMANDA Quem sabe, não é...Quem nasceu Amanda não vai ter um dia de Glória. (Acha horrível a própria piada)

TEXTO II

O santo milagroso, de Lauro César Muniz (1938)

Em uma cidadezinha do interior, um fato inusitado aproxima um padre e um pastor. Numa certa manhã de uma Quinta-feira Santa, os dois pescam um mesmo peixe no pequeno ribeirão que corta a cidade. Desse “incidente”, descobrem certas afinidades e marcam uma partida de xadrez para aquela noite. Das tentativas de manter em sigilo a visita, acabam criando as situações que constituem o enredo dessa comédia. No momento da cena a seguir, os dois estão sozinhos, pois o sacristão, na tentativa de resolver a situação, saiu em busca de uma faca para dividir o pescado entre os dois.

ATO 1, QUADRO 1 (Fragmento)

Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois Padre José)

- P. JOSÉ Belo peixe! (Segurando-o) Veja como pesa!
- P. CAMILO É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar este mês.
- P. JOSÉ O senhor aprecia a pesca?
- P. CAMILO Sou um amante dos esportes: pesca, futebol e natação! E o senhor?
- P. JOSÉ Gosto também... (Sorri) Mas já estou ficando velho para isso... outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé... (Pausa breve).
- P. CAMILO Eu também já estou sentindo a idade... Quando moço nadava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só de dar uns chutezinhos com meu filho, já boto a língua de fora.
- P. JOSÉ Seu filho também joga futebol?
- P. CAMILO Jogo no duro, não... Ainda não foi possível formar um quadro de futebol na Igreja...
- P. JOSÉ (Com ar de superioridade) Nós temos três quadros: da “Cruzada”, o da “Infância de Cristo” e o dos “Filhos de Maria”. Se seu filho quiser, poderá jogar conosco... Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...
- P. CAMILO Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...
- P. JOSÉ Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...
- P. CAMILO O senhor joga xadrez?
- P. JOSÉ Jogar com quem? Eu faço de conta que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.
- P. CAMILO Eu jogo!
- P. JOSÉ O senhor joga?
- P. CAMILO Quer dizer... Jogava... Agora não existem mais adversários. (Embaraço. Pausa).
- P. JOSÉ Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...
- P. CAMILO Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...
- P. JOSÉ O que, senhor Camilo?
- P. CAMILO Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...
- P. JOSÉ O senhor sabia salvar afogado?
- P. CAMILO Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...
- P. JOSÉ Então, por que não o salvou?
- P. CAMILO Não me deixaram por a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!
- P. JOSÉ Que absurdo... e depois?
- P. CAMILO Ficaram esperando o padre chegar...
- P. JOSÉ E o padre tentou salvá-lo?
- P. CAMILO Para a outra vida... Deu-lhe a “extrema unção”...
- P. JOSÉ Ainda bem!... (Cai em si) Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?
- P. CAMILO Foi...

- P. JOSÉ Então o padre era eu!
- P. CAMILO Era, sim senhor...
- P. JOSÉ Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...
- P. CAMILO Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que a minha igreja é coisa do seu diabo!
- P. JOSÉ (Ofendido) Ora, sr. Camilo...
- P. CAMILO Não são os seus adeptos mais cultos... E esses são a minoria.
- P. JOSÉ De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...
- P. CAMILO São todas pessoas bastante simples...
- P. JOSÉ Simples, sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria deles.
- P. CAMILO Ah, é verdade!... Boa parte deles já pertenceu à sua paróquia...
- P. JOSÉ O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dele...
- P. CAMILO ... que se converteu a pouco tempo...
- P. JOSÉ O senhor sabe bem o motivo dessa conversão!
- P. CAMILO (Desafiador) Evolução natural...
- P. JOSÉ (Perdendo as estribeiras) Manobra política! Pura e simples manobra política!
- P. CAMILO Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o coronel!
- P. JOSÉ Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.
- P. CAMILO Que mal há nisso?
- P. JOSÉ Que mal há? Todo mundo sabe a cor política do líder dos trabalhadores da Usina!
- P. CAMILO O Zezão é tão cristão quanto eu!
- P. JOSÉ Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...
- P. CAMILO (Impulsivo) Passe bem, sr. José... Pode ficar com o peixe...
- P. JOSÉ Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do “mate”.
- P. CAMILO (Voltando) Eu nunca perderia para o senhor em terreno nenhum, muito menos numa partida de xadrez... (Pausa).
- P. JOSÉ Isso é um desafio?
- P. CAMILO Como queira...
- P. JOSÉ Se não fosse a situação política existente na cidade, eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...
- P. CAMILO Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa!
- P. JOSÉ Quando?
- P. CAMILO (Clássico) Marque o dia e a hora...
- P. JOSÉ Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...
- P. CAMILO Que hora?
- P. JOSÉ Sete horas!
- P. CAMILO Local...
- P. JOSÉ Na... Sacristia da Igreja...
- P. CAMILO Na sacristia?!
- P. JOSÉ O senhor se opõe?
- P. CAMILO Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo sobre esse encontro... O senhor compreende, não é?
- P. JOSÉ Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o “Senhor Morto”... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.
- P. CAMILO Lá estarei às sete em ponto!

TEXTO III

Entre Quatro Paredes

Jean-Paul Sartre

SINOPSE

Entre Quatro Paredes de Jean Paul Sartre é uma peça estruturada a partir do encontro entre Josep Garcin, um homem de letras; Inês, funcionária dos correios e lésbica; e Estelle, uma socialite. Mortos, são condenados à eternidade, expiar no inferno suas culpas. A surpresa começa quando, ao contrário do que preconiza o inferno mitológico cristão (infinitas labaredas de fogo, enxofre, demônios, estacas e carrascos insaciáveis), os personagens encontram-se em um ambiente, perfeitamente decorado, como que, propositadamente arranjado: três poltronas de cores diferentes e um empregado dignamente íntegro de sua profissão, que os conduz sucessivamente com uma frieza quase cômica. O escuro não existe, o dia não existe, mas, há sempre uma luz artificial acesa o tempo todo. Os três, não tardam em tornar aquela convivência insuportável. Mesquinhos e agressivos, não tardam a perceber que ali cada um será o carrasco do outro.

Cena VI – Entre Quatro Paredes

(Estelle empoa o rosto e pinta os lábios. Ao empoar-se, procura por todos os lados, inquieta, um espelho. Remexe a sua bolsa, e volta - se para Garcin.)

- ESTELLE** O senhor terá um espelho? (Garcin não responde). Um espelho, um espelhinho de bolso, não importa (Garcin não responde). Se me deixam sozinha, pelo menos arranjam-me um espelho.
- (Garcin continua com a cabeça entre as mãos, sem responder.)
- INÊS** (com solicitude)
- Tenho um espelho na minha bolsa.(Procura-o na bolsa. Com raiva). Não está mais. Devem ter ficado com ele no depósito.
- ESTELLE** Que aborrecimentos!
- (Um tempo. Ela fecha os olhos e cambaleia. Inês corre e ampara-a)
- ESTELLE** (Abre os olhos e sorri)
- Sinto uma coisa esquisita. (Apalpa-se). Com você não é assim também? Quando não me vejo, por mais que eu me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.
- INÊS** Tem sorte. Eu sempre me sinto interiormente.
- ESTELLE** Ah! Sim, interiormente... Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono. (Um tempo). Meu quarto de dormir tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me vêem. Eles refletem a conversadeira, o tapete, a janela ... como é vazio um espelho em que eu não estou! Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho em que me pudesse ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam, por isso ficava acordado. (Com desespero). Meu ruge ! Tenho certeza de que me pinte mal. Mas eu não posso ficar sem espelho por toda a eternidade.
- INÊS** Quer que eu lhe sirva de espelho? Venha, convido-a a vir à minha casa. Sente - se aí no meu sofá.
- ESTELLE** (Mostrando Garcin)
- Mas ...
- INÊS** Não se importe com ele.
- ESTELLE** Nós vamos nos fazer mal, foi a senhora mesmo que disse.
- INÊS** Acha que eu posso querer o seu mal?
- ESTELLE** Sabe - se lá !
- INÊS** Você é que vai me fazer mal. Mas, que importa? Já que é para sofrer, que seja por você. Sente - se. Venha mais perto. Mais. Olhe nos meus olhos, está se vendo neles?

- ESTELLE Estou tão pequenininha. Vejo - me muito mal.
- INÊS Mas eu vejo você, inteirinha. Faça - me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel.
(Estelle, incomodada, volta - se para pedir auxílio.)
- ESTELLE O senhor, por favor ! Não o incomoda a nossa tagarelice?
(Garcin não responde.)
- INÊS Deixe-o em paz; ele não conta mais; estamos sozinhas. Faça - me perguntas.
- ESTELLE Pinte bem meus lábios?
- INÊS Deixe-me ver. Não muito bem.
- ESTELLE Bem que eu desconfiava. Felizmente que (Lança um olhar para Garcin) ninguém me viu. Vou pintar de novo.
- INÊS É melhor. Não. Acompanhe o desenho dos lábios; deixe que eu te ajudo. Assim, assim. Agora está bom.
- ESTELLE Tão bem como estava quando cheguei?
- INÊS Melhor. Mais pesado, mais cruel. Essa boca de inferno ...
- ESTELLE Hum ! Está bem mesmo? Como é desagradável; não poder julgar por mim mesma. As senhora jura que está bem mesmo?
- INÊS Não quer me tratar por você?
- ESTELLE Você jura que está bem?
- INÊS Você é linda.
- ESTELLE Mas será que a senhora tem bom gosto? O meu gosto? Como é desagradável!
- INÊS Tenho, sim, o seu gosto, porque você me agrada. Olhe bem para mim. Sorria. Eu também não sou tão feia. Será que eu não valho mais que um espelho?
- ESTELLE Não sei. A senhora me intimida. Minha imagem, nos espelhos, era domesticada. Eu a conhecia tão bem ! ... Eu vou sorrir; meu sorriso irá até o fundo das pupilas, e Deus sabe o que será dele !
- INÊS E quem impede você de me domesticar? (Olhando - se. Estelle sorri meio fascinada). Não quer mesmo me tratar por você?